



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 2  
jul-dez.2023  
p. 180-192

# Educando com o Cu: Introdução às pedagogias do corpo e do prazer

*(Educating with ass: Introduction to the pedagogies of the body and pleasure)*

*(Educando con el culo: Introducción a las pedagogías del cuerpo y del placer)*

Tertuliana Lustosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto busca iniciar um debate levantado através da aula “Educando com o cu: traveco-terrorismo e descolonialidade de gênero na arte”, para pensar implicações do prazer e do corpo enquanto potências pedagógicas e artísticas. Sendo assim, foi transcrita toda a introdução da aula realizada na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que discute inclusive sobre a resposta midiática e a sua recepção no espaço público. O texto transpõe a oralidade enquanto mecanismo de produção de conhecimento, sendo assim, o que foi escrito surge do ato oral. E, por fim, o texto traz uma conclusão escrita sobre os temas apresentados, pensando ainda em visões e perspectivas dissidentes de pesquisadores brasileiros sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** pedagogia; arte; gênero e diversidade.

**Abstract:** This text seeks to initiate a debate raised through the class “Educating with the ass: traveco-terrorism and gender decoloniality in art”, to think about the implications of pleasure and the body as pedagogical and artistic powers. Therefore, the entire introduction of the class held at the Universidade Federal da Bahia (UFBA) Dance School was transcribed, which even discusses the media response and its reception in the public space. The text transposes orality as a knowledge production mechanism, therefore, what was written emerges from the oral act. Finally, the text brings a written conclusion on the topics presented, also thinking about dissident views and perspectives of Brazilian researchers on the subject.

**Keywords:** pedagogy; art; gender and diversity.

**Resumen:** Este texto busca iniciar un debate planteado a través de la clase “Educar con el culo: traveco-terrorismo y decolonialidad de género en el arte”, para pensar las implicaciones del placer y el cuerpo como poderes pedagógicos y artísticos. Por eso, se transcribió toda la introducción de la clase realizada en la Escuela de Danza de la Universidade Federal da Bahia (UFBA), que incluso discute la respuesta mediática y su recepción en el espacio público. El texto traspone la oralidad como mecanismo de producción de conocimiento, por tanto, lo escrito emerge del acto oral. Y finalmente, el texto trae una conclusión escrita sobre los temas presentados, pensando también en las visiones y perspectivas dissidentes de los investigadores brasileños sobre el tema.

**Palabras clave:** pedagogía; arte; género y diversidad.

<sup>1</sup> Mestranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. É cantora, compositora, escritora e vende conteúdos sensuais em plataformas digitais. E-mail: mascarenhaslustosa@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 18/06/2023  
Aceito em 31/08/2023

## 1 Educando com o Cu: introdução apresentada na UFBA<sup>2</sup>

Boa tarde, gente. Primeiro, queria agradecer a todo mundo que está aqui, é uma grande honra para mim enquanto uma travesti depois de vários anos poder promover educação. Para quem não conhece minha trajetória, eu comecei dando aula no PreparaNem, que é um projeto pré-vestibular lá do Rio de Janeiro, para travestis e transexuais e também para outras pessoas dissidentes de gênero e sexualidade em situação de vulnerabilidade. E educação sempre foi marcante na minha vida, apesar de eu ter feito bacharelado em História da Arte e agora estou fazendo um mestrado em Cultura e Sociedade no Pós-Cultura da UFBA. Eu sou graduada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e lá no Rio tive também muitas vivências que me acrescentaram muitas coisas, inclusive o PreparaNem acho que foi uma das maiores vivências, mas a Aldeia Maracanã também foi a minha maior escola, a Universidade Indígena Aldeia Maracanã, que existe ali em conexão da aldeia que fica ao lado da UERJ. Então quero pensar esses lugares como um lugar da educação, que não é necessariamente cisgênera, que não é essa educação universitária. Então tive essas duas escolas, e numa delas eu dava aula de redação, mas por estar com outras minhas, travestis, eu acabei vivenciando coisas que eram muito potentes, que a gente sabe que quando fala de educação o corpo trans é sempre esse lugar da negação e da expulsão.

A minha proposta aqui é pensar: *pode um cu educar?* E aí a partir disso, dessa provocação, que é também inspirada na Spivak, em “*Pode o subalterno falar?*” eu faço essa outra pergunta para a gente se fazer também. E aí a primeira coisa que eu queria propor para a gente era que fizéssemos um movimento de imersão aqui no espaço, se vocês puderem se distribuir um pouco mais pelo espaço para a gente fazer um momento que seja um pouco de relaxamento, de reflexão, se alguém quiser pode falar, quem não quiser não precisa e um momento livre assim, anárquico mesmo, em que se possa fazer o que quiser aqui nesse espaço e ter um tempo para entrarmos nesse processo que vamos fazer, que vai ser corporal. Aí queria saber se a gente não pode sair do cantinho e se espalhar um pouco. Tem os livros que vocês podem dar uma olhada e podem ficar pelo espaço sentado, deitado, como vocês quiserem. Pode dormir, pode ficar no celular, pode fazer o que quiser.

Então: dentre esses livros que estão aí distribuídos temos a Leticia Nascimento, a profa Leticia, que é uma travesti piauiense, de Parnaíba, tem o Ailton Krenak, que é um símbolo da representação da nossa luta indígena, tem a Thiffany Odara, que é uma mulher trans daqui de

<sup>2</sup> Transcrição da roda de alguns momentos da conversa que foi ministrada no dia 05 de maio de 2023 na Escola de Dança da UFBA por mim. Além de cantora e compositora, ela também é escritora e mestranda da UFBA no Pós-Cultura, no curso de Cultura e Sociedade. O evento foi organizado pelo grupo de extensão e pesquisa “Laboratório Permanente de Práticas e Estudos sobre Performance”.



Salvador, negra e valorixá, muito importante para a pedagogia, temos também os livros que eu publiquei, uma trilogia e tem o Paulo Freire com *Pedagogia da indignação*.



Figura 1 - Bibliografia da roda de conversa Educando com o cu

Eu vou falar um pouquinho sobre esses textos, mas antes de eu falar sobre eles vamos praticar um pouco. A primeira prática que eu quero propor para vocês é um *pranayama*, para fazer uma questão respiratória mesmo. Quem puder sentar sobre os joelhos e se afastar da parede, porque vai precisar de mais espaço... Primeiro exercício que a gente vai fazer é ocular, só preciso que vocês não fiquem no celular, só aqui focados no olhar.

O primeiro movimento é todo mundo com o rosto para a frente, mas com o olhar lá em cima no teto e a gente vai ficar um pouco nisso e depois mexer os olhos como se fosse um relógio. Agora, a gente vai virar um pouquinho o olhar para o lado, fixando-o nesse segundo ponto, sentindo o que isso traz para o corpo, um certo desconforto, desestabilidade, mas que faz a gente enxergar de uma outra forma apenas com o movimento dos olhos e o corpo todo se move junto com os olhos. Agora olhando para o lado, extremamente para o lado direito. Desce um pouquinho, e desce totalmente para baixo, fica embaixo e sente o que essa movimentação de meio círculo provocou no nosso corpo, no nosso olhar e na nossa mente. Aí a gente vai continuar, sobe mais um pouquinho o olhar no lado esquerdo, agora totalmente para o lado esquerdo, sobe mais e, por fim, para cima. Agora pode fechar os olhos e relaxar. Pode abrir olhos... Sentiram que a mente dá uma espiralada?

Então eu trouxe esse exercício do *yoga* pra pensar que as vezes só olhar para outro lugar faz todo o nosso corpo mudar. Temos na rotina o nosso campo de visão tão fechado. E agora vamos



fazer o exercício de respiração do *pranayama*... Pode colocar pra fora! Parou... Agora a gente vai esticar os nossos braços e ficar na posição do gafanhoto e relaxar. Estica os braços o máximo que você puder e relaxa... Isso... Agora que relaxamos um tempo, vamos continuar com a mão esticada, a mão não sai do lugar e a gente vai levantar as pernas com a mão no chão. E agora é um exercício primeiro com música. Tá no máximo? Bota esse paredão aqui!

Chegou A Travestis  
É mais uma pra bater no seu paredão!  
Só no cu, só no cu, só no cu, só no cu  
Goza em cima do meu cu  
Só no cu, só no cu, só no cu  
Goza em cima do meu cu

Acendi um baseado na frente do paredão  
Eu sou prostituta, não aceito opressão  
Quando elas passam, eles começam a olhar  
Pro bonde das travestis eles levantam o AK  
Ela quica de lado, estala no asfalto  
Faz o quadradinho, te deixa instigado  
Ela quica de lado, estala no asfalto  
Faz o quadradinho, te deixa instigado  
Joga essa rabeta no bico do AK

Inhain!  
Só no cu, só no cu, só no cu  
Goza em cima do meu cu  
Só no cu, só no cu, só no cu  
Goza em cima do meu cu  
(GOZA, 2019).

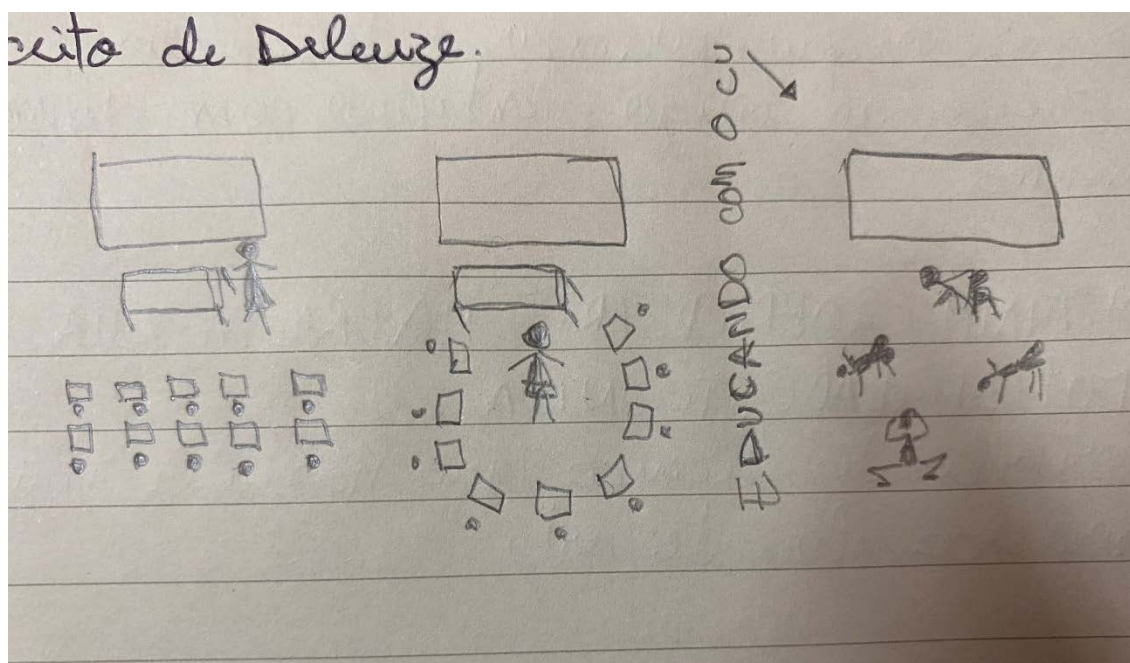


Figura 2 – A Escolinha do Cu

Podem levantar! Esse é o exercício mais difícil, que é dançar com a mão no chão, foi um desafio que eu coloquei para a gente começar. Essa foi a minha primeira música que fala sobre o cu e temos a minha *backing* aqui, Murilo Xavier, ela que fala “Goza em cima do meu Cu” e o



pagodão tem isso, as *backing* vocals e eu estou muito feliz e grata de ela estar aqui conosco. E essa foi a primeira proposta corporal de dança e ainda tem mais duas músicas que eu queria botar para a gente interagir com elas, mas eu queria propor uma outra dinâmica para a segunda música, que é Tieta: que a gente fizesse essa música dessa vez sem dançar sozinho, mas formando duplas ou trios, encontrando uma forma de dançar que fosse do cu com cu, fazer esse encontro de cus. Quem está sentado, vamos levantar e participar também. A segunda música se chama Tieta:

Equipe Cajasom, Soneca Paredão  
Selva Paredão, RG Paredão  
Cid Paredão, Paul Paredão  
Santana Paredão  
Paulilo Paredão  
E aí!

Ele ligou pra Elen pra brotar no paredão  
Elen já tava casada, envolvida com ladrão  
Ligou pra Criola, ela tava viajando  
Ligou pra Clarice, que na hora tava dando  
Sobrou o contatinho, contatinho da Tieta  
Tieta não tem xota, mas o cu é igual buceta

Bota no cu, bota no cu (boto!)  
Bota no cu da Tieta  
Bota no cu, bota no cu  
Eta, eta, eta, eta  
(TIETA, 2020)

Essa última música tem um detalhe que eu vou conversar com vocês depois. Ela se chama “Ai meu cu caralho”, e o desafio dessa música vai ser o da sedução: então quem está sentado vai continuar sentado e vocês que estão em pé vão seduzir as pessoas que estão sentadas. É o último exercício e quem está sentado vai receber a gente que está em pé.

É mais uma da Travestis pra bater no seu paredão  
Ô, ô

Eu fui pro Nordeste  
E me apaixonei  
Por um maconheiro  
E depois eu me ferrei

A piroca dele  
Era um babado  
Quase não entrava  
No cuzinho apertado

Ai meu cu  
Ai meu cu  
Ai meu cu caralho

Ai meu cu  
Ai meu cu  
Ai meu cu caralho

Eu sou puta puta puta  
De marré marré marré  
Eu sou puta puta puta  
De marré descí, descí, descí



Não bastando a dor no cu  
Ele me bagaçou  
Deu tapa na cara  
Murro na costela  
Tapa na cara  
Murro na costela  
Ele me arrebentou  
(AI MEU CU, 2022)

Obrigada a todo mundo que se dedicou, que este atento a esses exercícios, que são um ponto de partida para algumas coisas que eu quero conversar com vocês. Essa música “Ai meu cu caralho” ela tem uma história pesada para mim. Durante a 13ª Parada LGBT da Liberdade, eu cantei num trio e o organizador desse evento [Giliarde Silva, presidente do Grupo Gay da Liberdade] me expulsou desse trio, porque eu cantei essa música e ele disse que a Parada *Gay* era um evento de família. Quero pensar como que esses espaços estão encarando a gente falar abertamente sobre a nossa sexualidade e de como historicamente os movimentos (as vezes até de esquerda, como, por exemplo, aqui na Bahia que fizeram aquela Lei Antibaixaria) eles estão higienizando os espaços e negando que uma cantora que fala sobre sua vivência e sobre a libertação da sua sexualidade seja enquadrada como baixaria. E essa é uma questão que eu queria falar sobre porque eu trouxe essas músicas: são três músicas que falam a palavra cu e que já me trouxeram severas consequências por falar abertamente essa palavra “cu”. E aí o que eu vou pensar sobre a pedagogia do cu: primeira citação que eu vou trazer é da Thiffany Odara, em que ela vai falar que

A Pedagogia da Desobediência nasce pelas entranhas do movimento de travestis, como uma perspectiva de educação cuja intenção é confrontar toda marginalização dos corpos dissidentes nos espaços educacionais. Uma perspectiva nascida da negação social, o que faz dessa negação o fio condutor para uma perspectiva educacional desobediente e travestilizada (ODARA, 2020, p. 94).

Quando eu falo “Educando com o Cu” eu acredito muito que isso não veio do nada, as minhas últimas leituras têm passado por travestis que teorizam propostas semelhantes, como a Thiffany Odara, em Pedagogia da Desobediência. Desobedecer o sistema é uma forma de travestilizá-lo, porque ele não foi feito para uma travesti. Quando estamos no ensino fundamental ou no ensino médio, somos completamente excluídas desses espaços, mesmo que não diretamente cria-se todo um sistema educacional que torna insustentável nossa permanência e que nos expelle. A educação com cu tem relação com essa negação que a Thiffany fala das travestis nesse ambiente escolar.

Essa desobediência parte também de uma ação afirmativa: de uma vertente transfeminista. *Transfeminismo* é um livro escrito pela Letícia Nascimento, que também é uma travesti nordestina e é muito importante pautar esses outros saberes, que não enxergamos na academia. Imagine: uma travesti não consegue muitas vezes no seu doutorado, mestrado, graduação, ensino médio



ver nenhuma teórica trans sendo referenciada. Ora, se todo mundo que produz conhecimento e é citado é cis, porque eu vou produzir conhecimento? A todo momento somos expulsas, mesmo que indiretamente. Vocês que estão disputando esse espaço acadêmico, reflitam: como uma aluna trans se sentiria no meu espaço educacional? Como podemos garantir a permanência dessas pessoas nesses espaços? É também elas se enxergarem nesses espaços, enxergar que travesti também é produtora de conhecimento. A profa Letícia afirma que:

Numa perspectiva transfeminista, entendo que são as próprias crianças e adolescentes que devem definir suas identidades sexuais e gênero a partir do conceito de autodeterminação. A pauta defendida é que as famílias garantam um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças possam performar seus gêneros sem sanções morais e patologizantes (NASCIMENTO, 2021, p. 83).

Quando falamos sobre a infância de uma pessoa trans, estamos falando sobre a negação da sua identidade na maior parte das vezes. Então quando falo que precisamos educar com o cu estou falando de educar com alternativa, que no meu ver é o prazer. O prazer é uma forma de educar. Então quando estudamos a dizima periódica, ela não fica tanto na nossa mente quanto coisas que amamos muito. O conhecimento está intimamente ligado ao prazer. Quando conseguimos conciliar o sentimento de prazer à educação, tornamos a educação efetiva e não chata e não o que vem acontecendo nas escolas, com crianças e adolescentes cometendo ataques. Isso decorre de um sistema educacional que nos oprime, que reforça o racismo, a transfobia, a homofobia, o etnocentrismo, uma série de estruturas que vão tornando a experiência pedagógica completamente desgastante e a sensação de expulsão é permanente para pessoas trans, por exemplo.

“Bullying” é um termo que não dá conta do que realmente está acontecendo, a gordofobia, a transfobia, o racismo, é importante falar a palavra que vai direto ao ponto. O que eu penso sobre educação e prazer: como estudamos na escola o pênis e a vagina como órgãos reprodutores, estamos estudando a binariedade. Não estamos estudando ali a intersexualidade, os livros podem falar sobre as noções fisiológicas do prazer, mas não se aprofundam nisso. Será que é ensinado na escola como realmente é o prazer? Imagina se fosse ensinado que além do pênis e da buceta, existe o cu que também é uma fonte de prazer, e o resto do corpo todo pode ser também fonte de prazer; a boca, o braço, o pescoço, o corpo inteiro é fonte de prazer. No momento em que falamos sobre órgãos sexuais, poderíamos falar sobre a cirurgia de transgenitalização, por exemplo. Mas isso não é debatido em sala de aula, porque são coisas que ficam ofuscadas pelo sistema educacional. Eu ainda não tinha mais feito nenhuma palestra sobre educação, mas é o que eu mais tenho me debruçado atualmente, porque eu venho das artes e nas artes isso ainda é um tabu, mas quando vamos para a raiz do problema, a pedagogia, a educação, essas palavras ainda não



conseguem chegar. Por isso que o Metr opoles noticiou: “UFBA recebe evento Educando com o c\*: Incomodando a normatividade”. Tanta gente está aqui não : a prova que educar com o cu despertou a curiosidade de vocês, de uma certa forma dançar essas músicas que também falam de cu também despertou sensaoes e prazeres no nosso corpo. Não estávamos reproduzindo aqui a penetraao anal. Na hora de dançar em dupla eu não disse “vai um metendo no outro”, eu disse “vamos fazer o cu com cu”, pensar que o prazer  mais do que um órgão sexual, desconstruir essa sexualidade falocêntrica que impõe a heteronorma e o cissexismo para os corpos LGBTQs. Porque não pensar outras configuraoes de sexo?

Já que eu falei sobre a questão da educaao, eu vou puxar um pensamento do Ailton Krenak, que fala sobre educaao indígena. Um grande problema da nossa cultura  negar o que foi feito na nossa terra antes da colonizaao destruir/distorcer.  sabido que para diversas culturas não havia essas restrioes de genero. Nas primeiras cartas dos colonizadores, a nudez dos povos originários era vista como escândalo e essa escandalizaao também são uma tecnologia de controle e apagamento dessas culturas, que já possuíam sua forma de educar. No  a educaao do viés jesuíta, porque a educaao precisa catequizar a nossa mente, a pensar a partir do branco europeu? A todo momento no espaço academico ouvimos: para produzir conhecimento academico  preciso ter contato com eles, mesmo que sua pesquisa seja sobre outras matrizes, há quem defenda que seja preciso passar pelo pensamento euroestadunidense.

No livro *Futuro Ancestral*, Krenak (2022, p. 93-94) fala:

Ao pensar na relaao entre educaao e futuro, me deparo com uma ambiguidade. Tenho percebido em conversas com educadores de diferentes culturas – não so dos povos originários, mas também com outras abordagens da infância – que, já no primeiro período da vida, todo um aparato de recursos pedagógicos  acionado para moldar a gente. Isso me faz pensar em antigas práticas usadas por diferentes povos deste continente americano para constituir seus coletivos. So práticas ligadas  produao da pessoa – o que  muito diferente de moldar alguém –, que entendem que todos nós temos uma transcendência e, ao chegarmos ao mundo, já somos – e o ser  a essência de tudo. As outras habilidades que podemos adquirir, como possuir coisas, seguir uma profissão, governar o mundo, são camadas que você acrescenta  perspectiva de um ser que já existe. Esse antigo conceito  muito confortável, pois não entra em choque com a experiência de existir.

A educaao vai tentando nos moldar e esquece que o ser em si ele educa. Paulo Freire, em sua obra póstuma, *Pedagogia da Indignao*, fala da sua perspectiva educacional enquanto pai:

Me parece fundamental, do ponto de vista da mentalidade democrática, no enfatizar a importância espontânea do testemunho de pai ou mãe sobre a formaao dos filhos. Quase sempre, sub-reptícia ou ostensivamente o fazemos. O ideal para mim, reconhecendo essa importância,  saber us-la e a melhor maneira de aproveitar a força de meu testemunho de pai  exercitar a liberdade do filho no sentido da gestaao da sua autonomia. Quanto mais filhas e filhos se vão tornando “seres para si” tanto mais se vão fazendo capazes de re-inventar seus pais, em lugar de puramente copiá-los ou, às vezes, raivosa e desdenhosamente neg-los. O que me interessa não  que meus filhos e minhas filhas nos imitem como pai e mãe, mas, refletindo sobre nossas marcas, deem sentido  sua presença no mundo (FREIRE, 2021b, p. 41).





Esse foi o último livro que Paulo Freire escreveu e ele nos traz a importância de escutar a criança mais do que formar ela e formatar. Então a minha proposta de educar com o cu é também pensar que o corpo por si só fala, o corpo tem conhecimento.

## 2 Considerações finais

A ideia desta publicação é que ela seja um ponto de partida para levar mais discussões nesse sentido, dessa aula dada na escola de Dança da UFBA, que em si já foi um encontro de diversas falas e pesquisadores. Texto aberto. Introdução a muitas discussões levantadas e que só pela forma como foi veiculado (inclusive no Twitter de Eduardo Bolsonaro) já é uma denúncia.

Entender o cu como tecnologia pedagógica é propor novas formas de habitar o conhecimento. E pensando em suas particularidades e consequências psicossociais: como um homem cisgênero heterossexual lida com seu cu; como é muito diferente falar de um cu de uma pessoa branca de um cu de uma pessoa negra ou indígena no Brasil – contra uma universalização do uso político do cu; quais relações perpassam o cu na vida capitalista para uma travesti brasileira, que vive em condições de prostituição quase sempre como única fonte de renda...

A palavra “cu” incomoda, no encontro “Educando com o cu” foi questionada principalmente por o evento acontecer numa universidade, levando a uma recorrente categorização reacionária do ensino superior público como balbúrdia. Movimento semelhante ocorreu também com a instituição do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gênero e Sexualidade (NuCuS) dentro do [Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos] IHAC.

É possível apontar para uma epistemologia dessa discussão sobre o cu tanto numa produção teórica brasileira quanto em práticas artísticas contemporâneas, que apontam para discussões levantadas pela dissidência sexual e de gênero latino-americana. Panamby aponta para a necessidade de se rever o uso anglófono do termo “queer” no Brasil:

Inclusive o próprio termo *queer*, palavra da língua inglesa, tem sido problematizado dando surgimento a outras nomenclaturas: *kuir*, *cuir*, e aqui proponho outra provocação com a grafia *QKCUIER* (PANAMBY, 2016).

O uso do termo “cuir/kuir/qkcuier” é uma ferramenta teórica de deglutição que evidencia outros enfrentamentos que fazem parte da cultura brasileira, marcadamente moralista, em que persiste a colonialidade cristã. Guilherme Altmayer atualiza a discussão de Paul Preciado sobre o cu para o as discussões de gênero e sexualidade terceiro-mundistas:

Cuir, escrito com ‘c’, é uma tradução de como se lê *queer* em castelhano, propositalmente mal-acabada, descompromissada com sua forma original nos trabalhos de autorxs latino-americanxs dedicadxs ao tema, que buscam maior proximidade com as realidades do Sul global, e de sua farta produção acadêmica e estético-política, algumas das quais



mencionadas no parágrafo anterior.

Cuir, quando lido em português, também remete ao cu, como acesso àquilo que é mantido escondido. É nesse sentido que Larissa Pelúcio sugere tratar os estudos *queer* como estudos cu, em uma tradução provocadora, pouco palatável, para que o campo se abra para novas possibilidades de contestação.

Ao ser reiteradamente tornado abjeto, um lugar intocável para muitos, o cu (privado) se tornaria uma das bases de sustentação de um sistema de sexualidades que, segundo Guy Hocquenghem, seria um motor central de produção de subjetivações capitalistas centrado no falo (público).

Refletir a partir de práticas anais seria, para Paul B. Preciado, uma forma de dissolver a oposição entre hétero e homossexual, entre ativos e passivos, deslocando a sexualidade a partir do pênis que penetra o cu receptor, como forma de borrar as linhas que segregam gênero, sexo e sexualidades, que expõe as fragilidades constitutivas do sujeito tradicional heteronormativo.

Levando-se em conta que o Brasil lidera o extermínio sistemático das populações LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais) no mundo, é mais do que urgente pôr foco sobre esse debate, porém, com o intuito de articular estratégias de fato eficazes para a sobrevivência de uma multiplicidade de corpos dissidentes (ALTMAYER, 2018).

Na prática, vemos uma dilaceração moral das artes produzidas nesse enfrentamento, intensificada pelo ódio de frentes políticas e religiosas. Matheus Araújo aponta para a criminalização das expressões “kuir”, que seria essa teoria queer deformada pelo contexto geopolítico latino-americano:

Em 2014 na cidade de Rio das Ostras/RJ, a artista Raíssa Vitral enfia uma bandeira do Brasil na vagina, que depois é costurada, aprisionando em um gesto violento o símbolo da pátria. A ação do Coletivo Coiote provoca horror em muitos que a assistem. No dia seguinte, o jornal *O Globo* publica uma matéria cujo título inquire: ‘Performance ou Crime?’. Em seguida o aparelho judicial é acionado na tentativa de condenação do que por muitos foi entendido como um ritual satânico. Na internet, chovem bravatas. A artista tem sua imagem e endereço divulgados e é ameaçada de morte.

O *kuir* é o crime. É o atentado violento que revela as estruturas de opressão, explicitando quais corpos são perseguidos, violados e exterminados em uma sociedade guiada pelo machismo, a heteronormatividade e o racismo (SANTOS, 2016).

A criminalização de expressões artísticas e intelectuais é uma constante que se repete diversas vezes, até porque nossos corpos já são criminalizados apenas por existirem. Em seu texto “Pode um cu mestiço falar?”, Jota Mombaça, importante artista e teórica trans negra de Natal-RN, faz alusão a uma performance da artista Pedra Costa, que vai confrontar o racionalismo intelectual acadêmico:

Na programação de ‘Que pode o korpo?’, um evento criado para explorar as possibilidades de intervenção de um discurso do corpo no campo da produção de saber e da política contemporânea, anunciamos a obra de Pedra como ‘Verarschung: uma vídeo-palestra de Pedra Costa’, de modo que todos esperavam uma videoconferência habitual, com o rosto de Pedra em primeiro plano e uma fala pronunciada pela boca. Mesmo se tratando de uma atividade independente, paralela ao cânone acadêmico, e de uma plateia relativamente habituada a esses espaços, ‘Verarschung’ provocou espanto e animou toda sorte de reações, desde ‘piadinhas descontraídas’ até gestos bruscos de reprovação. (...) ao escolher falar pelo cu, Pedra se posiciona num espaço político de enunciação contra-hegemônico, fora do eixo dominante de produção científica, e por isso mesmo não harmonizado a esses princípios canônicos, de maneira que, ao falar, necessariamente redefine, local e molecularmente, as gramáticas sobre como e o que falar (MOMBAÇA, 2015).

Jota ainda vai falar a respeito da deslegitimação de suas discussões pelo teor político e de



enfrentamento que propõe – o que me remeteu bastante à minha aula que pensava as imbricações entre educação e o cu.

Da minha própria experiência acadêmica como bicha guerrilheira, posso contar das inúmeras ocasiões em que tive meu discurso intelectualmente desvalorizado em função do teor político de minhas colocações. A evocação de um saber estratégico, claramente posicionado, dinâmico e desobediente, por diversas vezes, rendeu-me conselhos sobre eleger uma atitude científica separada da minha prática política e, no subtexto, de meus próprios movimentos de vida. Como se este corpo gordo, mestiço, viado e revoltado, este cu canibal e sua política monstruosa, não tivessem lugar no âmbito da produção de conhecimento; como se este saber corpo-político não pudesse adquirir o status de saber, ou, quando muito, o de um saber menos verdadeiro que o saber científico que se supõe politicamente neutro (MOMBAÇA, 2015).

Javier Sáez e Sejo Carrascosa publicam um livro intitulado *Pelo Cu: políticas anais*, obra que levanta um amplo recorrido sobre o cu e o sexo anal: da sua história, de seus valores, de como o anal organiza os gêneros e as sexualidades e de como esta atravessado por critérios de raça, de classe e de poder, desafiando a definição do que é sexo e genital.

O cu é o grande lugar de injúria, do insulto. Como vemos em todas essas expressões cotidianas, a penetração anal como sujeito passivo está no centro da linguagem, do discurso social, como o abjeto, o horrível, o mal, o pior.

Uma das primeiras coisas que aprende um menino ou uma menina é que ‘tomar no cu’ é algo terrível. Ainda que o pequeno sujeito não saiba o que é exatamente esse “tomar”, o tom insultante cria uma aprendizagem, uma prevenção. O interessante do insulto é que cria uma realidade sem referência, somente um valor flutuante, sem conteúdo. Bicha! Sapatão! Vai tomar no cu! Quando um menino ou uma menina escuta isso, nas primeiras vezes não significa nada de concreto – é o valor do negativo que se transmite e percebe-se, não um saber sobre o que é ser gay, lésbica, ou o que é, concretamente, a penetração anal. Não se trata de um doutrinação preciso e deliberado contra os/as menores (SAEZ; CARRASCOSSA, 2016, p. 27).

Pensar, portanto, numa positivação pedagógica da palavra cu faz-se necessário para desconstruir uma heteronormatividade imposta socialmente. Leandro Colling vai tratar também deste tema ao questionar se o ânus seria um órgão sexual, usando

[...] o cu apenas como um exemplo bem provocativo e polêmico para ilustrar como nossos corpos sofrem as influências de saberes que regulam, historicamente, os nossos corpos, nossas sexualidades e nossos gêneros (COLLING, 2014).

São muitas as particularidades que poderiam ser aqui abordadas, uma lista imensa de abordagens teóricas e artísticas, mas o que se repete é a polêmica e a repressão toda vez que esses teóricos e artistas ousam tratar do cu em suas abordagens. Inclusive também tenho uma *performance* junto a Sara Elton Panamby, “Cuceta” que incursiona nesse espectro de discussão. Também é importante citar obras como o documentário de Claudio Manoel “Cuceta – A cultura queer de Solange tô aberta” e a exposição “Cu é lindo”, do artista Kleper Reis. O tabu higienista atravessa todas essas existências, por uma história marcadamente cristã, capitalista e punitivista. A educação é um espaço de disputa, e a mudança se faz necessária enquanto ferramenta de



transformação e luta social:

A sociedade fechada, quando sofre pressão de determinados fatores externos, se despedaça mas não se abre; uma sociedade está se abrindo quando começa o processo de desalienação com o surgimento de novos valores (FREIRE, 2021a, p. 47).

Converter a metodologia da dor em prazer: esse foi o grande desafio desta pesquisa. Que não termina aqui, no entanto, mas que me convida a disseminar a cura como método efetivo e afirmativo do aprendizado.

---

## Referências

AI MEU CU caralho. Intérprete: A travestis. Compositores: Márcia Lustosa e Tertuliana Lustosa. In: BONEQUINHA Tailandesa. Intérprete: A travestis. [S. l.]: Tertuliana Produções, 2022. Faixa 3 (3 min).

ALTMAYER, Guilherme. Apontamentos para uma cartografia: o cuir como território em expansão. *Select*, São Paulo, 7 maio 2018. Disponível em: <https://select.art.br/apontamentos-para-uma-cartografia/>. Acesso em: 22/11/2023

COLLING, Leandro. O ânus é um órgão sexual? *Dois Terços*, [s. l.], 2014. Disponível em: <http://www.doistercos.com.br/o-anus-e-um-orgao-sexual/>. Acesso em: 22/11/2023

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b. Organizado por Ana Maria Araujo Freire.

GOZA em Cima do meu cu. Intérprete: A travestis. Compositores: Tertuliana Lustosa Victor Reis. In: GOZA em Cima do meu cu. Intérprete: A travestis. [S. l.]: Apache Abdala Produções, 2019. Faixa 1 (2 min).

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? *Medium*, [s. l.], 6 jan. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: 22/11/2023

NASCIMENTO, Leticia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais). Coordenação de Djamila Ribeiro.

ODARA, Thiffany. *Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação*. Salvador: Devires, 2020. (Saberes Trans).

PANAMBY, Sara Elton. Perspectivas Qkcuier. *SescSP*, São Paulo, 3 maio 2016. Arte e Gênero. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9949\\_ARTE+E+GENERO](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9949_ARTE+E+GENERO). Acesso em: 22/11/2023



SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu*: políticas anais. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANTOS, Matheus Araujo dos. Contexto brasileiro. *SescSP*, São Paulo, 3 maio 2016. Arte e Gênero. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9949\\_ARTE+E+GENERO](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9949_ARTE+E+GENERO). Acesso em: 22/11/2023

TIETA. Intérprete: A travestis e O Maestro. Compositores: Tertuliana Lustosa . *In*: TIETA. Intérprete: A travestis. [S. l.]: Apache Abdala Produções, 2020. Faixa 1 (2 min).

